

# **IÊ, QUEM ME ENSINOU! A PRÁTICA DA CAPOEIRA NO AMBIENTE ESCOLAR: LIMITES E POSSIBILIDADES**

Melyssa Hemelin Gonçalves

## **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho analisa as aulas de capoeira em uma instituição privada de educação básica na cidade de São José dos Pinhais, buscando compreender o lugar ocupado por essa prática, a relação entre a gestão escolar e o professor, e o sentido adotado pela escola para a manifestação. A justificativa da pesquisa reside na relevância da capoeira como aparato pedagógico para a inserção da temática racial nas escolas, conforme a Lei 10.639/03, extrapolando a prática corporal para incluir discussões sobre história e cultura afro-brasileira. O objetivo geral é verificar se existe alinhamento entre a intencionalidade da instituição de ensino e a apresentada pelo grupo de capoeira, avaliando em que medida a prática serve como ferramenta para o debate sobre relações étnico-raciais.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa seguiu uma abordagem exploratória e qualitativa, composta por três etapas principais. Inicialmente, realizou-se uma análise documental e de conteúdo nos sites da escola selecionada e do Grupo Capoeira Brasil. A segunda etapa consistiu em observações de campo semanais, durante um período de cinco meses, incluindo o acompanhamento das aulas regulares e do Festival de Capoeira da instituição. Por fim, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com a coordenadora pedagógica da escola e com o professor de capoeira responsável, visando captar as diferentes percepções sobre a prática no ambiente escolar.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados apontam que a escola compreende a capoeira predominantemente como uma expressão de brasilidade e um símbolo da cultura nacional, fundamentada em um discurso de miscigenação cultural. Essa perspectiva, analisada sob a ótica de Lélia Gonzalez, revela uma "neurose cultural", onde a escola tende a promover uma desracialização da manifestação, silenciando sua origem étnica para reforçar a ideia de democracia racial brasileira. Notou-se que, no site da escola, embora se utilize o emblema de "escola humana", as imagens e depoimentos são majoritariamente de pessoas brancas, evidenciando o que Cida Bento denomina como "pacto da branquitude". Em contraste, a comunidade capoeirista e o professor responsável mantêm o entendimento da capoeira como um símbolo de resistência e cultura negra, reforçando constantemente sua origem histórica e política. O professor capoeirista, em suas aulas, utiliza a metodologia de Mestre Bimba, incluindo as "sequências de ensino" e momentos de fala sobre a história da escravidão e a importância da coletividade. No entanto, o professor expressou dificuldades em abordar a temática racial de forma profunda, muitas vezes limitando-a ao contexto histórico para evitar conflitos com a visão da escola ou dos pais. A discussão revela que, embora a escola utilize termos como "patrimônio sociocultural" em seus documentos, a implementação da Lei 10.639/03 ainda enfrenta o desafio de superar abordagens superficiais.

Constatou-se que a capoeira regional, por sua sistematização didática, uso de uniformes e sistema de graduações, apresenta maior facilidade de inserção no modelo escolar privado, pois se assemelha a outras práticas esportivas institucionalizadas, como o judô ou o karatê. A pesquisa conclui que a capoeira na escola é uma ferramenta de transgressão, pois mesmo quando a instituição tenta neutralizá-la, a presença do mestre e os rituais da roda preservam a memória e a ancestralidade negra.

**PALAVRAS-CHAVE** Capoeira; Escola; Relações étnico-raciais.

## **REFERÊNCIAS:**

ABRAHÃO, B. O. de L.; PARENTE, M. L. da C.; RODRIGUES, A. G. Capoeira, Patrimônio Cultural e Educação Física. *Revista e-Curriculum*, v. 20, n. 3, p. 1022–1042, 30 set. 2022.

ARANTES, A. A. O que é Cultura Popular. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998. (Coleção Primeiros Passos).

BENTO, C. O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

DA ROCHA, L. C. P.; DE ARAÚJO, D. C. Política educacional e a lei 10.639/03. *In*: COSTA, H.; DA SILVA, P. V. B. (org.). África da e pela diáspora: pontos para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Curitiba: NEAB-UFPR, 2013. v. 1, p. 19–30.

DE ABREU, P. Os Capoeiras. Rio de Janeiro: [s. n.], [18--]. v. 1.

GOMES, N. L. Movimento Negro e Educação: ressignificando e politizando a raça. *Educ. Soc.*, v. 33, n. 120, p. 727–744, 2012.

GONÇALVES, M. A. R.; PEREIRA, V. O. Capoeira e escola: reflexões sobre a proposta do Programa Mais Educação. *Periferia*, v. 7, n. 1, 2015.

IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Roda de Capoeira e ofício dos mestres de capoeira. 12. ed. Brasília, DF: Gráfica e Editora Qualidade, 2014.

MESTRE PASTINHA. Capoeira Angola. 3. ed. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988.

MUNANGA, K. Superando o racismo na escola. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2005.

PINHEL, A. M. Cultura na teoria e na prática. *In*: COSTA, H.; DA SILVA, P. V. B. (org.). África da e pela diáspora: pontos para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Curitiba: NEAB-UFPR, 2013. v. 1, p. 33–39.

REGO, W. Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico. Salvador: Itapoã, 1968.

SOARES, C. E. L. A Capoeira escrava no Rio de Janeiro - 1808-1850. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.